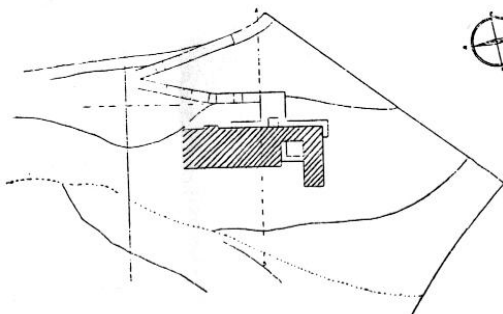
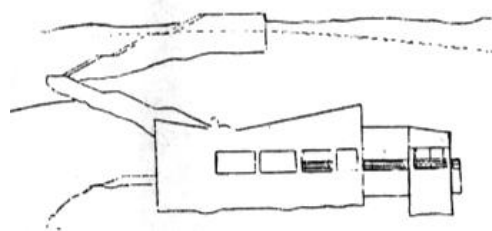


Enraizamento e Continuidade: de Le Corbusier a Ernesto Rogers

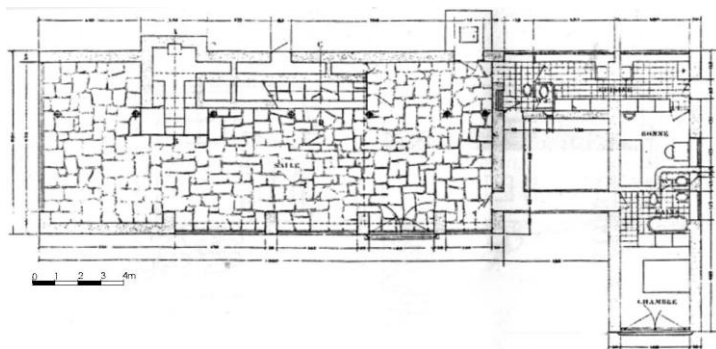
A casa do homem: da Ville Savoye à Maison Errazuriz



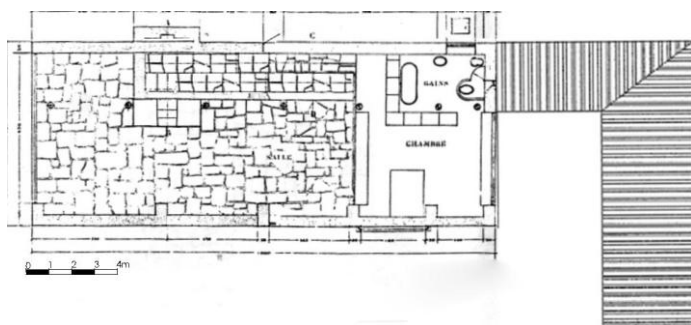
Implantação - Maison Errazuriz (1930)



Alçado assentamento do edifício sobre o terreno



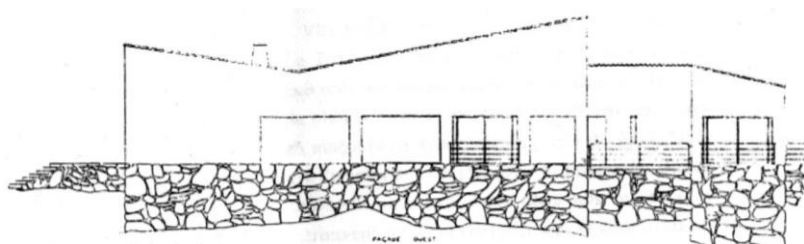
Planta piso térreo



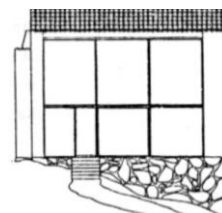
Planta piso superior



Corte transversal cozinha



Alçado oeste



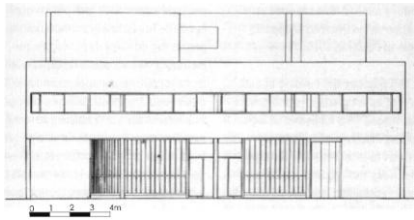
Alçado norte

Durante alguns anos realizei conferências por todo o mundo. Aprendi a ver como eram diferentes os climas, as raças, as culturas... e os homens, espalhados por todas as partes, também eram diferentes. Reflitam durante alguns instantes: os homens, como as mulheres, possuem uma cabeça, dois olhos, um nariz, uma boca, duas orelhas, etc. Disseminam-se pela terra, aos bilhões. (...)

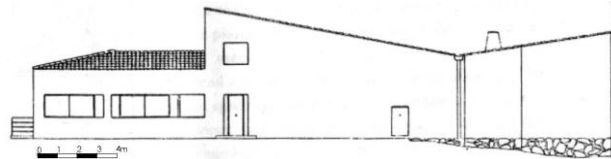
O nosso problema é o seguinte: os homens habitam a terra. Como? Porquê? Outros lhes darão a resposta. Meu dever, a minha busca, é tentar colocar este homem de hoje fora da infelicidade e da catástrofe; é colocá-lo na felicidade, na alegria quotidiana, na harmonia. Trata-se particularmente de restabelecer ou estabelecer a harmonia entre o homem e o seu meio.”

LE CORBUSIER, Paris 4 Junho 1960 (prefácio da reedição ««Precisões-Sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo», 1929, pág.7

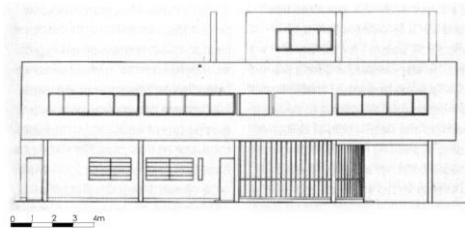
No ano de 1930, Le Corbusier projecta a casa de *Matías Errazuriz* no Chile, um ano após a sua visita à América do Sul. Trata-se de uma casa de fim-de-semana assente num terreno de elevada pendente, composta por dois volumes interligados. O principal volume acolhe a entrada, a sala e o quarto principal no piso superior, ligado à sala por intermédio de uma rampa. O volume secundário desenvolve-se num só piso, composto pelos serviços, quarto de empregada e um segundo quarto destinado à esposa de M. Errazuriz, ligado por um passadiço exterior à sala. A clareza na distribuição funcional das zonas comum, privada e de serviço, a exploração do contacto franco entre interior/ exterior e o sentido de percurso presente no uso da rampa e do passadiço exterior, demonstram a filiação deste projecto no conjunto de obras desenvolvidas por Le Corbusier nos anos vinte. Trata-se da singular abordagem feita a dois factores, o Homem e o seu meio, e a consequente materialização desta relação de que resulta a arquitectura, em resposta as necessidades e possibilidades do “*homem de hoje*”. A Le Corbusier, interessa sobretudo a conquista da harmonia nessa relação, e a *Maison Errazuriz* demonstra justamente a relevância do local no processo de formalização, enunciada da seguinte forma: “*Cette maison est construite au bord de l’Océan Pacifique. Comme on ne disposait pas, à cet endroit, de ressources*



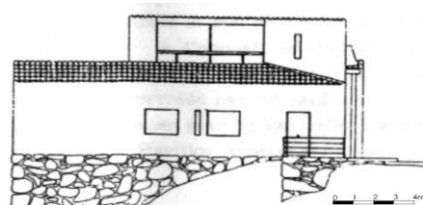
Ville Savoye - Alçado sul; entrada



Maison Errazuriz - Alçado este; entrada



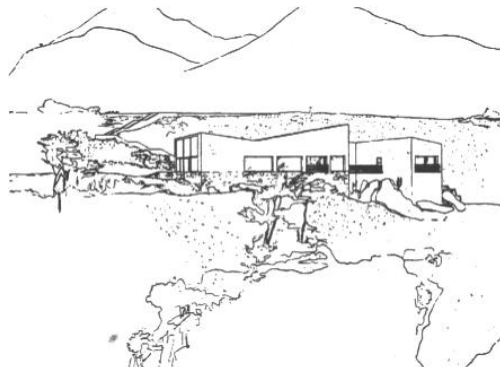
Ville Savoye - Alçado este



Maison Errazuriz - Alçado sul



Ville Savoye (1929)



Maison Errazuriz (1930)

d'une main – d'oeuvre technique suffisante, on a composé avec des éléments existant sur place et d'une mise en oeuvre facile : murs de gros blocs de pierre, charpente de troncs d'arbre, couverture en tuiles du pays, par conséquent toiture inclinée...”¹

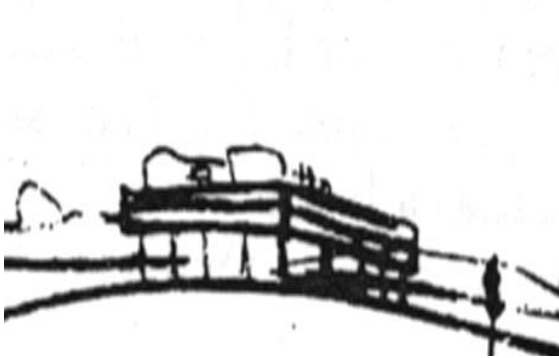
1.
LE CORBUSIER, «Oeuvre
complète 1929-1934», pág. 48

Na conferência intitulada *O Plano da casa moderna* proferida em Buenos Aires (1929), Le Corbusier referencia a *Ville Savoye* como exemplo concreto das soluções construtivas e conceptuais decorrentes da utilização do ferro e do betão armado na arquitectura, os símbolos da modernidade: a planta e fachada livre, a estrutura em pilotis, os grandes vãos envidraçados e o telhado - terraço. Constatase a presença de todas estas soluções na *Maison Errazuriz*, à excepção dos pilotis, da fachada livre e do telhado - terraço, em parte resultado da omissão do ferro e do betão como materiais construtivos. Estaria à partida parcialmente comprometido o sentido de modernidade deste projecto, apenas um ano mais novo que o seu antecessor, a *Ville Savoye*. Contudo, Le Corbusier conclui, de forma singular, a memória descritiva: “*La rusticité des matériaux n'est aucunement une entrave à la manifestation d'un plan clair et d'une esthétique moderne.*”²

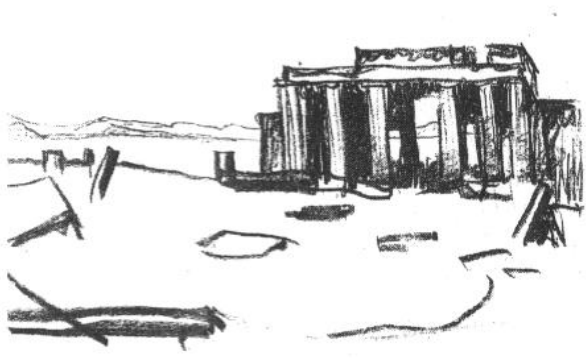
2.
LE CORBUSIER, «Oeuvre
complète 1929-1934», pág. 48

Esta afirmação manifesta uma leitura alternativa do significado de modernidade, desmistificando a ideia de que a expressão moderna na arquitectura resulta exclusivamente da presença e utilização de materiais industriais e sistemas construtivos decorrentes do processo de standardização.

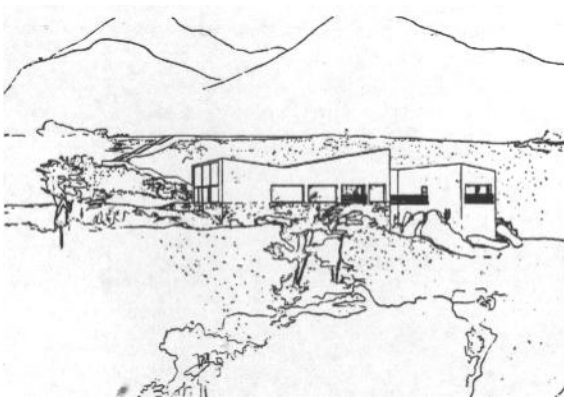
A *Maison Errazuriz* manifesta a consciência da adequação da arquitectura ao Homem e à circunstância em que se inscreve, colocando em proeminência o valor da memória, do contexto e de uma materialidade alternativa às tecnologias industriais no processo projectual. Analisando e confrontando atentamente a *Ville Savoye* e a *Maison Errazuriz*, compreende-se qual a posição que ocupam no percurso de Le Corbusier, encarnando posições distintas num período temporal simultâneo. A abordagem efectuada ao local revela profundas diferenças, implícitas na própria formalização da obra: uma procura soltar-se do solo, enquanto a outra se enraíza, cuidadosamente, no perfil acidentado da encosta chilena. “*O local é a base da composição arquitectónica. Aprendi-o numa grande viagem que fiz em 1911, de mochila às costas, de Praga até à Ásia Menor*



Ville Savoye – Esquisso Le Corbusier (Buenos Aires 1929)



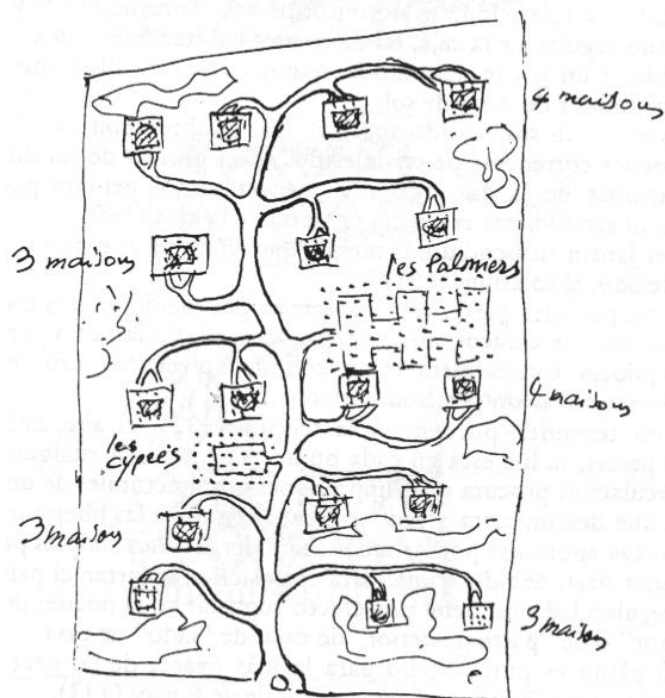
Acrópole Atenas – Esquisso Le Corbusier (Viagem ao Oriente 1911)



Maison Errazuriz (1930)



Favela – Esquisso Le Corbusier (Rio de Janeiro 1929)



Implantação da Ville Savoye na Argentina.
Esquisso de Le Corbusier referente à conferência «El Plano de la Casa Moderna» publicado no livro «Precisiones» 1929.

3.

LE CORBUSIER, «Conversa com os estudantes das escolas de arquitectura» 1942, pág. 47

4.

LE CORBUSIER, «Precisões- Sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo», 1929, pág.139

5.

LE CORBUSIER, «Precisões- Sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo», 1929, pág.139

6.

LE CORBUSIER, «Precisões- Sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo», 1929, pág.23

7.

LE CORBUSIER, «Precisões- Sobre um estado presente da arquitectura e do urbanismo», 1929, pág.139

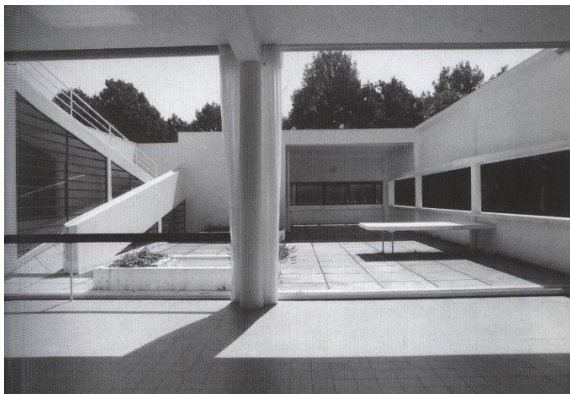
e à Grécia. Descobri a arquitectura, instalada no seu local. Mais do que isso: a arquitectura exprimia o local – discurso e eloquência do Homem que tomou posse do espaço: o Parténon, a Acrópole, o estuário do Pireu e as ilhas; mas também o mais pequeno cercado de ovelhas...”³

A *Ville Savoye* encarna a assimilação de Le Corbusier dos valores arquitectónicos patentes nos exemplos da Grécia antiga, a apetência pelo volume isolado e autónomo, pousado no território na condição de objecto puro de composição geométrica clara e elementar. Como afirma o próprio, a *Ville Savoye* corresponde a uma “*caixa no ar*”⁴, solta do solo por intermédio de pilotis que à imagem das colunas dos templos gregos, se encontram dispostos segundo um sentido de ordem que procura diluir a diferenciação entre alçados enquanto “*recortam a paisagem com regularidade*”⁵.

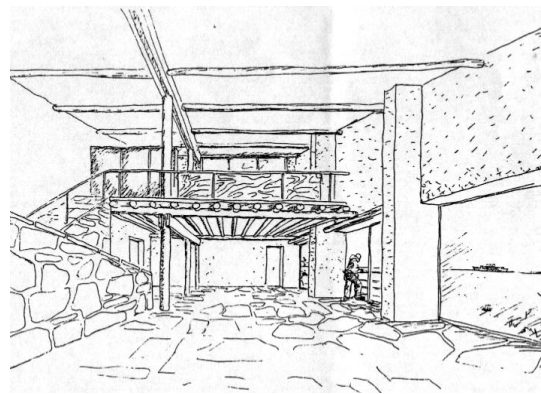
Enquanto o contacto com a cultura clássica na Grécia se demonstra decisivo na origem do pensamento que conduz à *Ville Savoye*, o impacto da construção espontânea nos países da América do Sul está presente no processo projectual da *Maison Errazuriz*. O elogio efectuado à sensibilidade topográfica e construtiva das casas nas “favelas” do Rio de Janeiro, ilustra o modo como capta as respostas eficazes a um problema comum a todo o Homem: a materialização do seu habitat, neste caso com escassos recursos técnicos e a difícil adaptação a condições topográficas adversas. Sobre este exemplo específico afirma: “*(...)os limites que eles sabem impor às suas necessidades, à sua capacidade de devaneios interiores, faziam com que as suas casas estivessem implantadas admiravelmente no solo, com a janela surpeendentemente aberta para espaços magníficos, e que a exiguidade da sua habitação fosse abundantemente eficaz.*”⁶

Le Corbusier descreve a condição relativa ao projecto da *Ville Savoye*, “*A sua situação é a mais correcta possível, na paisagem agreste de Poissy. Porém, em Biarritz também seria magnífica. (...) Implantarei esta mesma casa em algum canto do belo campo argentino. Teremos vinte casas que despontarão entre o alto arvoredado de um pomar, onde as vacas continuarão a pastar.*”⁷

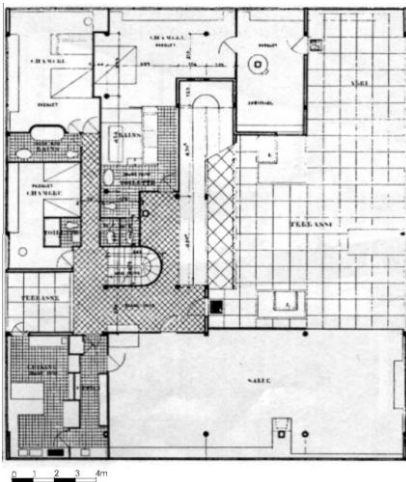
Esta provocação reforça o sentido da casa como máquina de habitar, de carácter universal, global, aplicável a toda a circunstância física e humana,



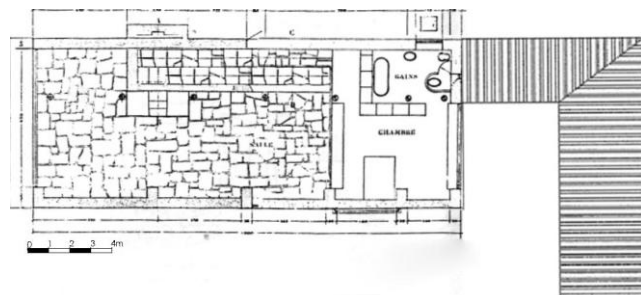
Vista da sala para o pátio e rampa – Ville Savoye



Sala e rampa – Maison Errazuriz



Planta piso 1 – Ville Savoye



Planta piso 1 – Maison Errazuriz

num claro paralelismo estabelecido entre casa e automóvel. Contudo, a *Maison Errazuriz* afasta-se da condição de casa estandardizada, de produção em série generalizada. A sua génese decorre das circunstâncias particulares do contexto físico e humano que não favoreciam a aplicação de técnicas e materiais industrializados no processo projectual e construtivo.

A problemática entre local / global surge naturalmente no confronto entre as duas obras, e Le Corbusier encara a *Maison Errazuriz* como oportunidade para demonstrar a potencialidade dos condicionalismos regionais como instrumentos válidos para a materialização da arquitectura moderna. O peculiar desafio da *Maison Errazuriz* encontra-se na aplicação de um conteúdo formal e funcional, suportado e decorrente das conquistas técnicas industriais, a um contexto local e fortemente tradicional, condicionado pelo predomínio das técnicas artesanais no processo construtivo.

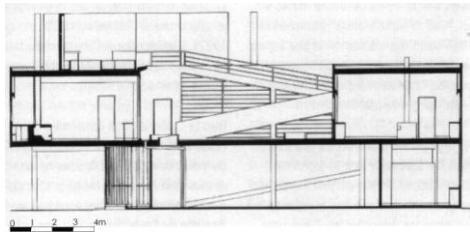
Trata-se de um procedimento que, de certo modo, se assemelha ao processo de tradução de um texto original para uma língua estrangeira, realizado pelo próprio autor. O desafio da tradução assenta na primordial garantia da essência do conteúdo na conversão do texto original para outro idioma. A conversão resulta num processo cauteloso e ponderado, para que resulte natural e fiel ao conteúdo expresso no idioma original. Alteram-se somente os meios de expressão, permanecendo a ideia nuclear. Contudo, existe a inevitável adaptação a um novo vocabulário. Então o conteúdo original renasce, encarnado em nova forma através de diferentes vocábulos, enriquecendo a mensagem expressa no idioma original.

A *Maison Errazuriz* comprova a incursão por um universo material e figurativo alternativo, assente nas referências populares e espontâneas, encaradas como suportes válidos para a manifestação de modernidade na arquitectura. Os elementos que a compõem pertencem ao domínio da intervenção manual sobre a matéria-prima, a natureza no seu estado bruto, original: " (...) *murs de gros blocs de pierre, charpente de troncs d'arbre*"⁸ e na sua adaptação à condição física do lugar.

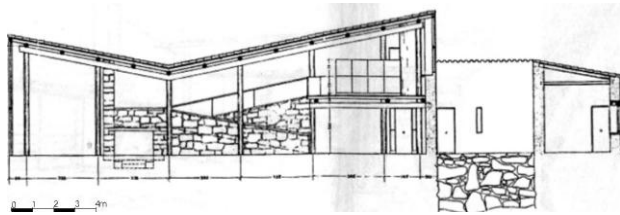
Porém, apesar da diferença substancial de atitude e pensamento, existem factores comuns a ambas as casas. O conceito de *promenade architecturale* surge como elemento chave na composição da casa sendo, de certo modo, "traduzido"

8.

LE CORBUSIER, «Oeuvre complète 1929-1934», pág. 48



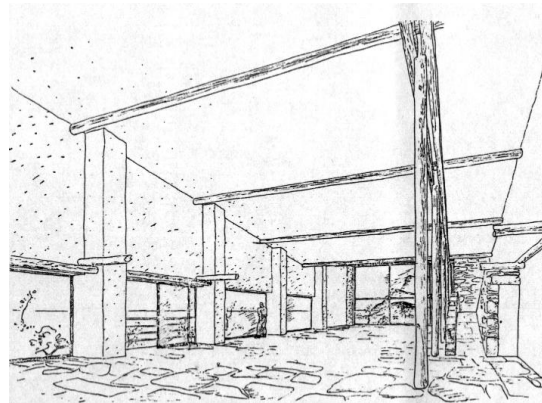
Corte longitudinal – Ville Savoye



Corte longitudinal – Maison Errazuriz



Rampa – Ville La Roche (1923)



Rampa – Maison Errazuriz

para uma diferente materialização, pois a plasticidade do betão que caracteriza a rampa da *Ville Savoye* é substituída pela rudeza da pedra local.

A ausência do betão e do ferro não afasta Le Corbusier das soluções conceptuais e construtivas decorrentes da sua utilização; A importância da estrutura na composição espacial prossegue intacta na *Maison Errazuriz*; os pilares de betão dão lugar a uma fiada de suportes verticais em madeira que constituem uma estrutura secundária que divide o vão principal em duas partes - divisão também explorada na casa *Citrohan* (1922).

Também a solução do *mezzanine* aplicada no quarto do piso superior decorre de experiências anteriores, elemento explorado na *Ville La Roche* (1923) na qual Le Corbusier ensaia o conceito de *promenade architecturale* numa rampa de lanço único. Outro factor que aproxima a *Maison Errazuriz* aos projectos que a antecedem, corresponde à manutenção do revestimento em reboco, pois apesar da matéria estrutural diferir substancialmente, Le Corbusier insiste na aparência depurada das paredes rebocadas, contrastando-a com o embasamento em pedra, em clara referência à materialidade explorada em inúmeros exemplos de arquitectura popular. Contudo, os projectos posteriores, desenvolvidos dentro da mesma lógica de contextualização no lugar e da aplicação de materiais tradicionais, beneficiarão de uma outra posição face à expressão tectónica do edifício, na manutenção da verdadeira aparência da matéria usada, seja esta de origem natural ou artificial. A *Maison Mandrot* (1931) com as suas paredes portantes em “*maçonnerie apparente ordinaire de pierre du pays*”⁹ demonstra o interesse de Le Corbusier pela potencial expressão plástica e formal oferecida pela aparência dos materiais naturais na concepção de um discurso moderno.

Desta forma, Le Corbusier coloca em paralelo a exploração da matéria “natural” e a matéria “industrial” compreendendo que, se na aplicação de componentes industriais a estandardização se revela crucial, a sistematização, génese do pensamento standard e instrumento básico da arquitectura desde da Antiguidade, será essencial na aplicação de materiais tradicionais no processo projectual e construtivo do pensamento moderno. A arquitectura popular, portadora de uma racionalidade singular e de uma grande capacidade de integração no contexto físico, depende da sistematização como metodologia coordenadora das várias

9.

LE CORBUSIER, «Oeuvre complète 1929-1934», pág. 59

competências associadas ao processo de execução. Adolf Loos, em 1910, sublinha a relação de cumplicidade que o camponês estabelece com a natureza, quando relata o processo de construção de uma casa na margem de um lago de montanha: “(...) *El campesino ha cortado el verde césped donde ha de erigirse la nueva casa y ha excavado la tierra en el sitio donde han alzarse los cimientos. Entonces surge el albañil. Si hay tierra arcillosa en las proximidades, esto significa que habra un ladrillar que le provea de ladrillos. Si no, también sirve la piedra que constituye la orilla. Y mientras el albañil coloca un ladrillo sobre otro, o una piedra sobre otra, el carpintero inicia su trabajo. Alegres suenan los golpes del hacha. Hace la cubierta. Qué tipo de cubierta? Bonita o fea? Lo ignora. La cubierta.*

Y luego, el carpintero toma las medidas para puertas y ventanas y aparecen todos los demás trabajadores que, a su vez, tomam medidas, van a sus talleres y trabajan. Y después, el campesino remueve en un gran cubo el preparado de cal y encala su casa de blanco. Guarda la brocha con lo que hace, porque, al año siguiente por Pascua, volverá a necesitarla.

Ha querido levantar una casa para él, para su familia y para su ganado, y lo ha conseguido. Igual que sus vecinos o su bisabuelo.”¹⁰

10.

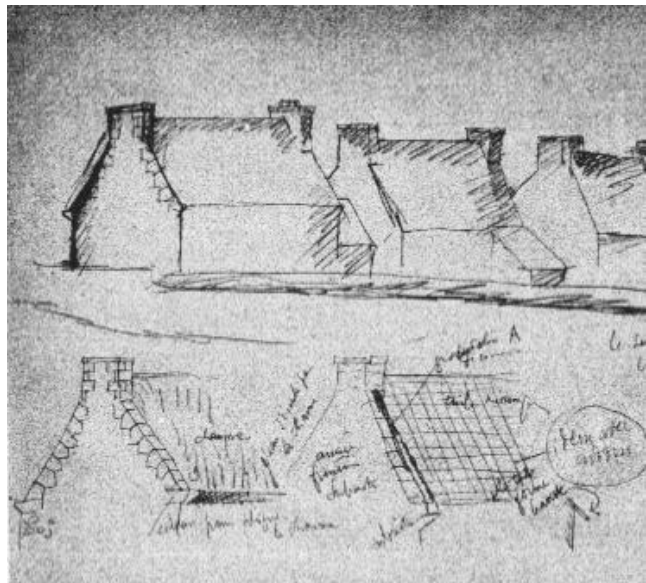
ADOLF LOOS, «Arquitectura»
1910, in «Ornamento y Delito»,
pág. 221

Este modo de construir demonstra a herança ancestral de uma metodologia construtiva, simbolizando a espontaneidade do Homem que, de forma empírica e pragmática, determina a ocupação do território. A natureza serve como suporte, desde local de assentamento até ao fornecimento dos materiais que, no seu estado bruto ou transformados manualmente, cumprirão o papel de matéria-prima na construção, favorecendo a aproximação à harmonia entre edifício e sítio. A relação entre ambos torna-se familiar, filial. A natureza e o Homem geram, no seu contacto, a arquitectura espontânea: nasce da necessidade, sendo composta pela matéria bruta da natureza, transformada pela mão e vontade do Homem.

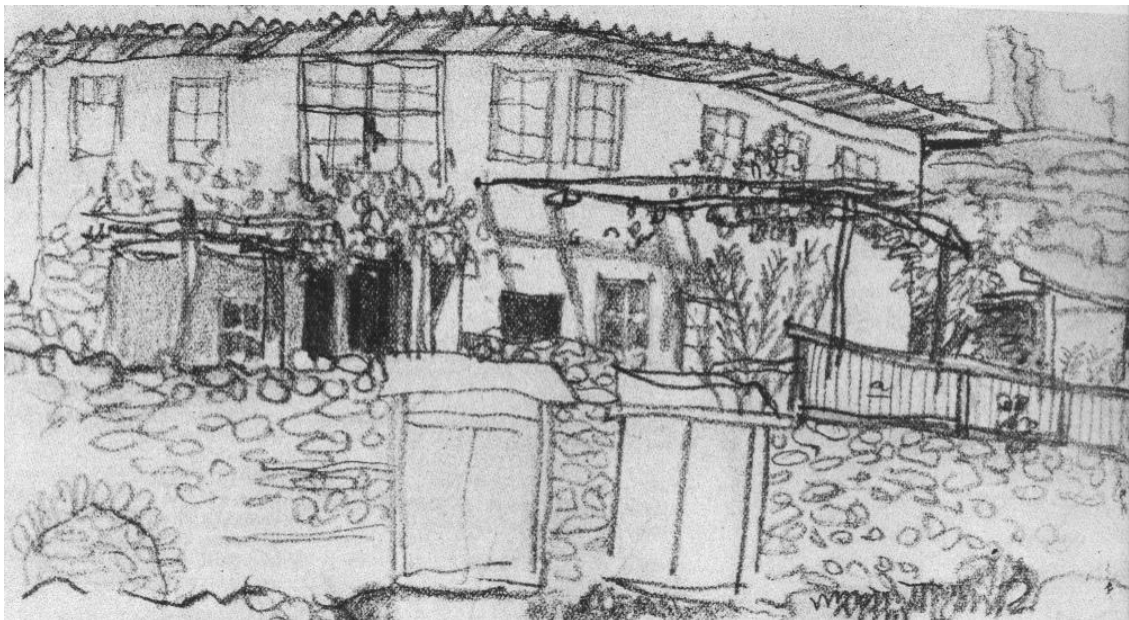
O desenrolar deste processo ancestral rege-se segundo a regra da sistematização na ordem sequencial estabelecida entre as diversas especialidades, na sucessão ou interacção que estabelecem entre si, facto denunciado por Le Corbusier em 1924, ao afirmar a importância da ordem na criação arquitectónica, utilizando como



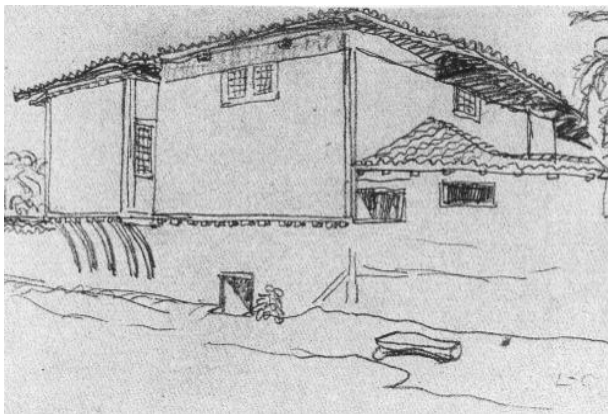
Le Corbusier e a casa bretã



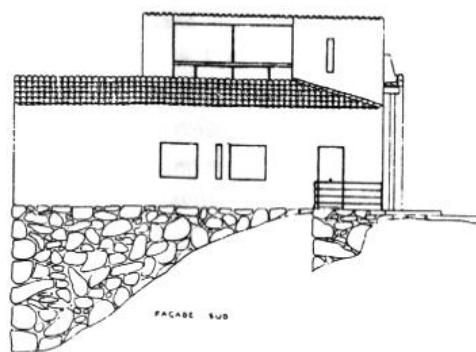
Fotografia e esquisso publicados no *L'Almanach de l'Architecture moderne*, 1926



Casa em Kazanlik – esquisso Le Corbusier (Viagem ao Oriente, 1911)



Casa em Istanbul – esquisso Le Corbusier (Viagem ao Oriente, 1911)



Maison Errazuriz (1930) – alçado sul

exemplo a construção da tenda do homem primitivo: *“L’homme primitif a arrêté son chariot, il décide qu’ici sera son sol. Il choisit une clairière, il abat les arbres trop proches, il aplanit le terrain alentour; il ouvre le chemin qui le reliera à la rivière ou à ceux de sa tribu qu’il vient de quitter ;il fonce les piquets qui retiendront sa tente. Il entoure celle-ci d’une palissade dans laquelle il ménage une porte. Le chemin est aussi rectiligne que le lui permettent ses outils, ses bras et son temps. Les piquets de sa tente décrivent un carré, un hexagone ou un octogone. La palissade forme un rectangle dont les quatre angles sont égaux, sont droits. La porte de la hutte ouvre dans l’axe de l’enclos et la porte de l’enclos fait face à la porte de la hutte.*

Les hommes de la tribu ont décidé d’abriter leur dieu. Ils le disposent en un endroit d’un espace proprement aménagé ; ils le mettent à l’abri sous une hutte solide et ils foncent les piquets de la hutte, en carré, en hexagone, en octogone. Ils protègent la hutte par une palissade solide et foncent les piquets où viendront se haubanner les cordes des hauts poteaux de la clôture. Ils déterminent l’espace qui sera réservé aux prêtres et installent l’autel et les vases du sacrifice. Ils ouvrent un portail dans la palissade et le mettent dans l’axe de la porte du sanctuaire.

Voyez, dans le livre de l’archéologue, le graphique de cette hutte, le graphique de ce sanctuaire : c’est le plan d’une maison, c’est le plan d’un temple.(...) Il n’y a pas d’homme primitif ; il y a des moyens primitifs. L’idée est constante, en puissance dès le début. ¹¹

11.

LE CORBUSIER, «Vers une Architecture» 1923, pág. 53

Através do confronto com as vicissitudes impostas por contextos inóspitos à aplicação de elementos industriais, a inevitabilidade da alteração dos meios e do método para a construção torna-se incontornável. Le Corbusier compreende esta situação, sabendo que o universo da máquina, da cadeia de montagem de rigor milimétrico, preciso e infalível, onde impera a velocidade e força mecânica, não encaixa na longínqua e recortada paisagem chilena. Ali, a lentidão do Homem e a condição artesanal modelam o tempo e o espaço.

“E até podereis conseguir que a vossa casa se transforme num palácio maravilhoso de sorriso, depois de, pela atenção consagrada a cada pormenor da



Maison Errazuriz – Esquisso de Le Corbusier

12.

LE CORBUSIER, «Conversa
com os estudantes das escolas de
arquitectura» 1942, pág. 72

*construção, vos terdes empenhado em que o palácio que sonháveis fosse, antes de mais, uma casa, uma simples e honesta casa do homem. Ao longo de toda a minha carreira agitou-me sempre esta preocupação: conseguir, com materiais simples ou até pobres, com um programa ditado mesmo por Diógenes, que a minha casa fosse um palácio. Com o sentimento de dignidade como regra do jogo!”*¹²